

Desporto implica dinheiro. Esta afirmação tem sido verdade há, pelo menos, dois mil e quinhentos anos. Por volta do ano 594 a.C., segundo Plutarco, Sólon decretou que a um ateniense, vencedor nos Jogos Ístmicos, fossem pagos 100 dracmas e que um vencedor dos Jogos Olímpicos recebesse 500 dracmas. Nesse tempo, um boi valia 5 dracmas; assim, esses prémios destinados a proezas atléticas eram, de facto, muito generosos. Não há dúvida de que há muito antes de 594 a.C. tinha havido um interesse comercial em vender vitimas para sacrificios no altar de Zeus, e em corresponder às necessidades e exigências dos espectadores e dos competidores. Em Roma, setecentos anos mais tarde, durante o Império, um ludus no Circo poderia implicar vinte e quatro competições por dia, durante quinze dias. A organização de treinadores, cirurgiões veterinários, dactilos, jóqueis e polícia privativa era, provavelmente, tão intrincada como o é hoje. Havia uma indústria das competições desportivas nesse tempo, como há agora.

A esgrima e o seu ensino tinha os seus prémios na Inglaterra dos Tudor. Também estava implicado dinheiro no pugilismo e no jogo do pau quando Tom Figg abriu a sua escola de combate. A arena para a luta corpo-a-corpo, a pista de corridas, a arena para luta de galos, a contenda pedestre — tudo isso tinha um lado comercial florescente. Não há nada de novo no facto de competidores, treinadores, promotores e aqueles que prestam serviços auxiliares, ganharem dinheiro no desporto. Com raras excepções, o dinheiro ganha vem, em última instância, do espectador. Também não há neste facto nada de novo. Eurípedes culpava os espectadores dos males existentes no atletismo do século V a.C. Todavia, nem sempre os espectadores se organizaram para produzir dinheiro destinado aos promotores do desporto. Muitas vezes, a multidão tem-se reunido espontaneamente e o patrocínio de poucos homens ricos tem bastado para proporcionar o necessário apoio financeiro a um desporto ou a um acontecimento desportivo. Um homem rico com mil libras para gastar, pode ser substituído por vinte mil com um xelim cada. O século XIX foi a grande era da organização dos espectadores e do incremento comercial dos desportos na

Desporto e dinheiro

base dos xelins e dos pences do pobre. Quando William MacGregor fundou a Football League, para doze clubes, em 1888, o seu objectivo manifesto era de proporcionar um entretenimento regular, tal como o que era proporcionado pelo teatro. Dos executantes profissionais eram contratados pelos clubes para cumprir este objectivo. A Football League foi o ponto culminante da comercialização a baixo nível. O Aston Villa Football Club não tirara mais de 43 libras, em bilhetes de entradas, em 1878/79. Dois anos depois, o total subiu a 567 libras, e em 1882/83, o relatório anual afirmava que as somas de dinheiro envolvidas no balanço final são tão grandes que o Clube assumiu proporções de uma grande empresa de negócios. Na mesma altura (Maio de 1880), um jornal de Birmingham observa que «todo o clube pequeno de críquete e de futebol considera agora necessário celebrar os seus jogos anuais, de maneira a beneficiar as suas finanças». Não há dúvida de que a bilheteira é a grande atracção... Foi por volta de 1880 que os desportos, que podiam lucrar com as entradas do público urbano, inclusivamente o futebol e o críquete, se tornaram indústrias e se juntaram aos desportos já comercializados, se não industrializados, tais como a corrida de cavalos e o boxe. Outros desportos podiam exigir apenas um pagamento modesto pelas entradas. Contam-se entre estes, o ciclismo e o atletismo. Noutros ainda, como a esgrima e o hóquei, quase não havia entrada a pagar. Esta situação manteve-se substancialmente igual até ao fim da Segunda Guerra Mundial. Apenas os corpos dirigentes mais ricos — a F. A., a Rugby Union, o M. M. C. e a Lawn Tennis Association — estavam aptos a pagar salários ou despesas aos melhores jogadores e depois fazer reverter o excedente para os desportos em benefício dos clubes e dos jogadores vulgares. A grande maioria dos desportistas pagavam para praticar os seus desportos ou então dependiam da benevolência das autoridades locais, igrejas ou instituições de caridade para instalações e outras facilidades.

N. 28/1/85 p. 7

As duas grandes organizações desportivas comerciais do século XIX, Football League e o críquete rural, sobreviveram até à segunda metade do século XX. A sobrevivência do críquete regional é, talvez a mais notável, dado que um jogo se prolongava, por vezes, durante três dias seguidos, e semanas a fio no Verão. O total anual de entradas, no campeonato distrital, desceu do seu máximo de 2 126 000, em 1949, para 1 641 000, em 1955, e continuou a tendência para descer nos anos seguintes. Em todas as horas de jogo, nos dias de semana, os bancos e assentos nos campos distritais escancaravam o seu vazio aos jogadores no relvado. Três contributos mantiveram o críquete regional vivo: os lucros dos Test Matches, a fusão de interesses no futebol organizado pelos clubes e empreendimentos para recolha de fundos como a organização de partidas de Whist. Em 1956, o «Political and Economic Planning Report» sugeria que apenas duas medidas fossem tomadas: retirar totalmente o críquete da primeira classe da esfera comercial e contar antes de mais com os membros ou sócios, como faziam os clubes não competitivos ou então organizar o críquete mais plenamente, como um entretenimento, e contar mais com o dinheiro dos bilhetes de entrada. Em qualquer dos casos, o profissional de críquete a trabalhar no regime de «full-time» de seis dias, não podia sobreviver em nenhuma escala ampla. O relatório terminava com estas palavras: «Tal como as leis de licenciamento inglesas, o encerramento matutino, a condução pela esquerda e os pesos e medidas britânicos, ele pode sobreviver e confundir todos os seus críticos».

Seis anos mais tarde, em 1962, o críquete regional ainda «sobrevivia, na companhia dos outros anacronismos citados».

A Football League sofreu um rude golpe no inverno de 1961/62, quando o Ayrington Stanley, um dos clubes primitivos da Liga de MacGregor, fundado em 1888, foi para liquidação. Em 1949/50,

calculou-se que o número total de espectadores de jogos de futebol, quer de «association», quer de «raguebi», foi de 86 000 000 e as receitas brutas dos clubes, 7 750 000 libras. Tirando dez por cento de espectadores das partidas de raguebi, a cifra de setenta e oito milhões de espectadores de partidas de «soccer» tem vantagem, em comparação com cinco milhões para o críquete, doze milhões para corridas de velocidade e cinquenta milhões para corridas de galgos. Os torneios da Football League, só por si, atraíam cerca de quarenta milhões de espectadores durante a época. O número total de espectadores desceu para trinta e três milhões e meio, em 1958/59 e para vinte e oito milhões, em 1960/61. Muitos dos clubes das terceira e quarta divisões da Liga não mais podem contar, para a realização dos seus objectivos, com o dinheiro dos bilhetes de entrada, mas passaram a contar com os contributos substanciais da parte de clubes financiadores. Nem os direitos pagos pela televisão, nem os pagos pela rádio, compensavam o cada vez menor ganho com os bilhetes de entrada. Tal como o críquete regional, o futebol da Liga viu todas as suas bases financeiras desmoronarem-se. Teria de ser erguida uma nova estrutura, a qual obrigaria e proporcionaria emprego a muitos jogadores profissionais de «full-time». Em 1962, esta reconstrução fundamental e necessária ainda esperava por um arquitecto e por mestres de obras que a empreendessem com vigor.

Na Inglaterra, o críquete e o futebol são tanto desportos como indústrias de entretenimento, e florescem. Apesar de ter havido um ligeiro declínio no número de praticantes destes dois jogos, entre 1949 e 1960, o jogo de clube ainda é financeiramente viável. As subscrições de sócios, os donativos, as receitas de bar e outras fontes de lucro proporcionam uma base adequada para continuarem a existir facilidades. Em todo o caso, é evidente que numa sociedade de abastança cada vez maior, o críquete e o futebol e outros jogos tradicionais de equipas não estão a atrair a mesma proporção de economias do público em dinheiro contado, nem tão pouco estão a dar oportunidades para os promotores, os manufactores de artigos de desportos e os encarregados de serviços ganharem dinheiro como outrora ganharam.